

A METAMORSE: SOCIALIZAÇÃO, DISCRIMINAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR

Ana Maria Falsarella*

Resumo: O **objetivo** deste trabalho é apresentar um ensaio sobre discriminação, exclusão e expressões semelhantes, recorrentes nas discussões das ciências sociais, em especial, na educação. A **metodologia** selecionada foi a análise de conteúdo de uma obra de ficção: *A Metamorfose*, de Franz Kafka. Optou-se por um caminho intermediário entre a psicologia e a sociologia, tendo por **aporte teórico** os conceitos de configuração e jogo propostos por Norbert Elias. Para o autor, “a tentativa de descobrir na vida de alguém um sentido independente do que essa vida significa para as outras pessoas é inútil”. (ELIAS, 2001, p. 65). Assim, “a história é sempre a história de uma sociedade, mas sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos. (ELIAS, 1994, p. 45). A análise é transposta para a configuração-escola. A título de **conclusão**, aponta-se como a fragilidade física, mental ou social é vista como obstáculo ao funcionamento de uma sociedade idealizada formada por fortes. Na escola, o aluno que não se adapta às regras, não se insere na dinâmica da sociedade que a escola representa e provoca rejeição e repúdio, principalmente por parte dos professores, que se veem impedidos de cumprir o duplo papel que lhe é socialmente atribuído: ensinar e socializar.

Palavras-chave: Discriminação social e escolar. Adaptação às regras. Indivíduos e sociedade. Configuração e jogo.

Introdução

Nos debates que envolvem as ciências sociais, muitas vezes a literatura de ficção constitui fonte para reflexões, dada a possibilidade que oferece de analisar realidades ancoradas simultaneamente no cotidiano concreto e na imaginação. Neste texto, valemo-nos deste recurso para desenvolver nossa argumentação.

Ao pensarmos sobre a socialização do ser humano e os mecanismos de discriminação criados pelas sociedades, uma obra da literatura universal, de enorme impacto desde que foi lançada, se apresenta de pronto a nossa memória: *A metamorfose*, de Franz Kafka¹.

* Doutora em Educação pela PUC-SP, professora do Mestrado Profissional em Educação “Processos de Ensino, Gestão e Inovação” do Centro Universitário de Araraquara (UNIARA); pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC); líder do Grupo de Pesquisa “Organização e Gestão de Instituições Educacionais” (CNPq). E-mail: anamariafal@uol.com.br, amfalsarella@uniara.com.br

Ao ler *A Metamorphose*, é praticamente impossível ignorar os lances que encontram eco em práticas segregacionistas da sociedade atual, cristalizadas no senso comum social; a obra nos leva a refletir sobre as contradições que envolvem a existência e as relações humanas. (MOSER, 2015)

A história de Gregor Samsa, protagonista da obra, permite diversificadas vias de análise. Entre a psicologia e a sociologia – as duas vias mais pertinentes –, buscamos o caminho intermediário da *meso* abordagem, baseando-nos, principalmente, nos conceitos de configuração e de jogo propostos por Norbert Elias (1999). Assim, segundo o ponto de vista adotado neste texto, não há uma demarcação real entre os universos da sociologia e da psicologia, pois entende-se que, quando há uma compartimentação entre eles, os horizontes dos estudos ficam empobrecidos. Toda compartimentação entre sistemas de crenças e valores que iluminam “ou” o indivíduo “ou” a sociedade, tratando-os como objetos distintos, é artificial. Desse modo, separar as “concepções da pessoa” das “concepções da pessoa na sociedade”, ao dividir o conceito de humanidade, constitui um contrassenso. (ELIAS, 1999).

Como nosso foco é a educação escolar, após explorarmos a socialização e a discriminação nos grupos sociais em geral, dirigimos nosso olhar para a escola.

1 Socialização e discriminação

Preconceito, discriminação, rejeição, exclusão, apartamento e outras expressões afins formam um conjunto reiteradamente presente nas discussões que acontecem nas ciências sociais, em especial, na educação. Na socialização de seus membros, as sociedades humanas são reguladas por normas que delimitam costumes, crenças, comportamentos e valores. Uma das normas do funcionamento social é justamente a discriminação e a exclusão dos indivíduos que diferem, que não se enquadram no código normativo, explícito ou implícito.

O pensamento discriminatório e posturas preconceituosas são inscritos na mente humana durante o processo de socialização, frutos que são da cultura e da história. Os processos de desenvolvimento da cultura de uma sociedade e de se tornar indivíduo desta

¹ Franz Kafka (1883-1924), escritor nascido em Praga (República Tcheca), é considerado um dos mais influentes do século XX. O conto *A Metamorphose* (*Die Verwandlung*, em alemão), obra clássica da literatura mundial, foi primeiramente publicado na edição de outubro de 1915 na *Die Weißen Blätter*, uma revista literária editada em Leipzig (Alemanha). Muitos estudiosos consideram que o conto tem base autobiográfica, devido às relações atribuídas que Kafka mantinha com seu pai.

sociedade acontecem concomitantemente em função da adaptação à necessidade coletiva de sobrevivência.

Desde os primórdios da civilização, o critério de sobrevivência às condições de vida tem sido o de plena capacidade física: corpos fortes, mentes ágeis. No decorrer da história, as atitudes que mais predominam em relação aos “incapazes”, aos “frágeis”, aos “diferentes” (deficientes físicos e mentais, desajustados sociais, idosos, pobres, andarilhos, dentre outros) têm sido a discriminação e a apartação – seja por abandono manifesto, seja por rejeição subentendida.

É na luta que pela sobrevivência que surge a discriminação dos que fogem às regras da normalidade e são considerados “pesos mortos” para os demais. Também são discriminados os que pertencem a outros grupos humanos que disputam os mesmos espaços e meios de sobrevivência. Assim, o preconceito depende e, ao mesmo tempo, independe do seu objeto e da sociedade onde ocorre, tem aspectos constantes e aspectos variáveis. (CROCHIK, 1995)

Muitas normas, com o passar do tempo, perdem seu sentido, mas continuam presentes no inconsciente coletivo. Os pilares do “pré-conceito”, enquanto “pré-disposição” para ações de discriminação, são noções irrefletidas, baseadas no senso comum, e que se tornam naturalizadas. Preconceitos, entendidos como formulações limitadas de uma consciência coletiva subjetiva também limitada, tomam conteúdos frágeis como verdades válidas. (ADORNO, 1969)

Com essa carga, rapidamente aqui traçada, a humanidade chega aos dias atuais. O “diferente” traz inscrito no próprio corpo seu caráter particular e mostra que, apesar de sua singularidade, continua sendo uma “pessoa humana”. E isso incomoda, pois obriga outros seres humanos a reconhecerem a própria fragilidade que buscam ignorar. A sociedade demanda pessoas fortes, saudáveis, bonitas, eficientes. A fragilidade física, mental ou social dos fracos são obstáculos ao funcionamento social idealizado.

2 Corpo belo e útil, mente formatada e fútil

Hoje, na sociedade capitalista, as fronteiras entre normalidade e anormalidade são nitidamente demarcadas por padrões funcionais de produção e consumo. Pessoas alheadas a esses padrões (não produzem/não consomem) são segregadas, o que não significa ausência de um papel na sociedade, mesmo sendo o de pária, de excluído.

Predomina o ideal do corpo útil e da mente fútil, o que demanda indivíduos padronizados e, ao mesmo tempo, flexíveis na produção e no consumo de bens materiais e imateriais. Referências outras, que admitam particularidades e possibilidades, são restringidas. Além de “formatado” para as demandas do mundo do trabalho, valoriza-se também o corpo belo, delineado por imposições estéticas alheias à constituição física de cada sujeito, o que favorece a obsessão pelo alcance do ideal inatingível e a discriminação dos que não se encaixam nas especificações do *marketing* corporal. Como alerta Elias:

O sentimento amplamente difundido nas sociedades mais desenvolvidas com seus membros altamente individualizados – de que cada um existe apenas para si mesmo, independente de outros seres humanos e de todo o “mundo externo” – acaba prevalecendo, e com ele a ideia de que uma pessoa deve ter um sentido exclusivamente seu. [Esse modo de pensar] muitas vezes obstrui a inclusão daquilo que é imediatamente evidente na prática – a participação da pessoa num mundo de outras pessoas e “objetos” em reflexões de nível mais alto (Elias, 2001, p. 65-66).

3 A Metamorse

A tentativa de descobrir na vida de alguém um sentido independente do que essa vida significa para as outras pessoas é inútil (ELIAS, 2001, p. 65).

Escrita em 1912, o conto *A Metamorse* foi publicado pela primeira vez em 1915, há exatamente cem anos. A primeira grande guerra mundial já estava em curso e a situação na Europa era de catástrofe: milhões de vidas interrompidas, seja em campos de batalha, seja em campos de concentração. Kafka retrata, por meio desta metáfora, o clima de angústia e pessimismo de então. Esse o macro-contexto em que a obra foi escrita. Simultaneamente, é também uma obra contemporânea, porque explora temas presentes na sociedade moderna, como a crise de valores, a solidão e a impotência sentido pelos seres humanos.

Na trama, o jovem Gregor Samsa é o protagonista. Único membro da família apto a exercer atividade remunerada, tem um emprego de caixeiro-viajante com o qual sustenta pai, mãe e irmã e paga dívidas da família. É um trabalho medíocre, de árida rotina. Suporta ainda um chefe intolerante que o pressiona, que exige sempre mais, sem lhe dar trégua. Gregor se submete. Aparentemente.

Eis que certa manhã, ao acordar, Gregor percebe que seu corpo foi transformado no de um inseto grande e asqueroso. Sua mente, no entanto, está preservada, haja vista todas as reflexões que faz ao longo da história sobre sua nova e bizarra condição.

Preocupado por estar atrasado para o trabalho, não atenta, de imediato, para a gravidade da situação. Só quando consegue sair do quarto é que se depara com o insólito, espelhado na reação dos outros – os familiares e o chefe, que já lá estava para reclamar sua ausência. O pai força-o a voltar ao quarto, que será seu cárcere a partir daí, onde o Gregor-Inseto será apartado da vida social e onde decorre a maior parte do relato sobre o infortúnio e decorrente isolamento que recaem sobre ele. Quando tenta fugir novamente, o pai o ataca com o que tem às mãos: maçãs. Uma delas penetra em suas costas e, além de provocar intensa dor, lá fica incrustada.

A reação dos membros da família diante de Gregor-Inseto podem ser observadas em quatro tempos. No primeiro, apresenta uma mistura de sentimentos que vai da estupefação e espanto ao horror e medo. No segundo, conforma-se com o desconforto que sua presença causa, desde que trancafiado e escondido do mundo. No terceiro, passa o odiá-lo e, considerando-o um fardo pesado demais para carregar, quer se livrar dele. Por fim, no quarto, o alívio diante da morte de Gregor. O desviante estava finalmente eliminado. Podiam voltar a uma vida normal.

Assim, à medida em que encontrava nova forma de sobrevivência (alugar um quarto vago da casa) e em que aumentavam os constrangimentos causados por Gregor (os hóspedes quase descobrem sua presença), a pouca compaixão que havia por parte da irmã e da mãe foi se esvaindo de vez. O ódio crescente de sua família é retratado, de modo simbólico, pela maçã que seguiu apodrecendo em suas costas causando sua morte. "Pelo fato de o processo de adaptação ser tão desmesuradamente forçado por todo o contexto em que os homens vivem, eles precisam impor adaptação a si mesmos de um modo dolorido (...) (Adorno, 1995, p. 145)".

Pego em uma armadilha social, inicialmente Gregor renuncia a viver sua própria vida para cumprir o que esperam dele. Para isso servem ideologias sociais: induzir indivíduos a comportamentos considerados “normais” e “naturais”. Abstraem o sujeito, priorizam enquadres na classificação “normal *versus* anormal” e a internalização dessa classificação pelos indivíduos, de modo a garantir a submissão de cada um à ordem vigente.

Contrariado e infeliz, Gregor não vislumbra saídas para ultrapassar a pequenez do cotidiano, não vê perspectivas para evitar a dolorosa adaptação e a introjeção das normas sociais. Mas, inconscientemente, Gregor não aceita sua “pré-destinação”. Frente a um papel social que lhe é imposto encontra um modo radical de negá-lo. Ele mesmo não se apercebe de pronto; só o faz pelos olhos dos outros.

4 Referencial de análise

Dois conceitos básicos utilizados no presente texto são os de configuração e de jogo, apresentados por Norbert Elias² no livro *Introdução à Sociologia* (1999, 1ª ed. em Português/1970) e que estruturam outras obras de sua autoria³. Como a produção de Norbert Elias é extensa e densa, não temos a pretensão de tomá-la na totalidade. Por isso, vamos nos valer apenas dos dois conceitos acima citados, já explorados por nós anteriormente em outra publicação⁴. "A história é sempre a história de uma sociedade, mas sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos. (Elias, 1994, p. 45)".

Para o pesquisador da área social, a contribuição de Norbert Elias está no alerta de que só é possível olhar uma determinada realidade social como uma configuração, com múltiplas sub-configurações. A realidade, para ele, só é observável em movimento, no jogo que se estabelece entre os atores individuais dentro dos grupos aos quais pertencem e que sempre estão em inter-relação.

A configuração é uma abrangência relacional em que o comportamento de muitas pessoas se enreda de modo a formar estruturas entrelaçadas; não é, portanto, simplesmente um agregado de indivíduos, mas uma rede.

A compreensão de aspectos dos comportamentos, das ações e das funções das pessoas individualmente consideradas não é possível. Pelo contrário, é necessário contemplar uma pluralidade de indivíduos interdependentes que, ao se relacionarem uns com os outros, ao mesmo tempo em que modelam a sociedade, modelam a si próprios. Ou seja: empreendimentos individuais não ocorrem em um vazio de combinações sociais. Essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras é que forma a sociedade.

Os tipos mais díspares de funções tornam as pessoas dependentes umas das outras, mesmo que não se conheçam pessoalmente. Todas as funções interdependentes (desde um diretor de fábrica ou mecânico até uma dona de casa, um amigo ou pai), são funções que uma pessoa exerce para outras, de um indivíduo para outros indivíduos.

Desde o nascimento vivemos em redes de dependências que não é possível modificar ou romper por simples magia; o rompimento somente é possível até onde a própria estrutura

² O sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) é considerado um dos mais influentes intelectuais da contemporaneidade.

³ Como por exemplo, em *A sociedade dos indivíduos* (1994) e *O processo civilizador* v.1 (1994) e v.2 (1993).

⁴ FALSARELLA, Ana Maria. A organização e a gestão da escola: um olhar a partir dos estudos de Norbert Elias. Araraquara, Revista UNIARA, v.16, p.111-117, 2014.

dessas dependências permita. Cada pessoa adulta vive em um tecido de relações móveis que, a essa altura, já se precipitou sobre ela e faz parte de seu caráter. Embora essa estrutura não seja criação de indivíduos particulares, ou sequer de muitos indivíduos, tampouco é algo que exista fora dos indivíduos.

Assim, cada pessoa singular está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São elásticas, variáveis, mutáveis, porém não menos reais e não menos fortes.

O entrelaçamento contínuo de atividades humanas atuou como uma alavanca que, ao longo dos séculos, produziu mudanças de conduta na direção de nosso padrão atual. As mesmas pressões operam hoje em nossa sociedade na mesma direção, no sentido de produzir mudanças que sobrepujem os atuais padrões de conduta, o que não significa necessariamente que eles se tornem melhores. Hoje, como no passado, essas tendências podem, a qualquer tempo, entrar em marcha a ré.

“Da mesma forma que acontece com a estrutura social, nosso tipo de conduta individual, nosso nível de limitações, proibições e ansiedades não é algo definitivo e ainda menos uma culminância.”, diz Elias (1993, p. 272). Assim, de um mesmo molde social podem surgir seres humanos bem ajustados e seres humanos desajustados, dentro de amplo espectro de possibilidades. O resultado depende do equilíbrio entre a teia de relações sociais que visam modelar o comportamento e o controle individual da energia pulsional (impulso energético interno inconsciente que direciona o comportamento do indivíduo), ou seja, entre as instâncias controladoras da sociedade e as pulsões individuais. Nessa busca do equilíbrio, sempre precário, dependendo da pressão interna, das condições sociais e da posição que o indivíduo ocupa, as limitações sociais interiorizadas como autolimitações podem provocar grandes sofrimentos, sob a forma de tensões, perturbações e insatisfação permanente.

O movimento da vida social é uma combinação sempre provisória e dinâmica, um “jogo”, definido pelo movimento dos jogadores ao valer-se das regras pré-estabelecidas.

5 Metamorfose, configuração e jogo

Uma pessoa diferente é vista como um desvio da norma social, do padrão. Ao se transformar em “anormal”, Gregor perde sua condição humana, perde seu pertencimento ao

grupo familiar e ao grupo social e não sobrevive. O tormento ganha concretude no inseto em que se transforma. Trancafiado e rejeitado pela família, sua única companhia passa a ser ele mesmo e sua angústia. Ao perder sua “humanidade”, Gregor é “despessoalizado”, deixa de ser pessoa para os demais, a começar pela família, perde seu lugar, sua utilidade social.

Gregor Samsa aparece em *Metamorfose* como um indivíduo participante de duas configurações – família e trabalho. São dois campos interligados e basilares do pertencimento do ser humano na sociedade. O jogo familiar, assim como o laboral, segue conforme as regras socialmente estabelecidas. No entanto, Gregor não está satisfeito com o lugar que lhe foi determinado como jogador. E, de forma inconsciente, desrespeita a regra, tomando outra forma que não a de um ser humano. No emprego, é expulso do jogo de imediato. No grupo familiar, Gregor instala o caos. Como a ação de cada sujeito afeta e faz alterar as ações dos outros atores do grupo societário, pai, mãe e irmã têm que jogar agora sem seu jogador principal.

Gregor não é simplesmente excluído. Como num jogo de futebol, a principal regra é “seguir as regras”. Quando as quebra, o jogador é expulso de campo. O mesmo aconteceu com Gregor. Ele é o modelo exemplar do que pode acontecer aos que se recusam a seguir as normas estabelecidas no jogo social.

6 A escola como configuração

A educação das pessoas desviantes tem uma trajetória marcadamente segregacionista. O conhecimento teórico que lhe dá sustentação tem origem em perspectivas médicas e psicológicas voltadas principalmente à identificação de patologias. A segregação e a apartação de alunos é uma realidade, em diferentes gradações e modalidades – explícitas e implícitas: desde a não-oferta de matrículas a todos os sujeitos em idade escolar até a discriminação ao que têm acesso à escola. Há escolas públicas para os “pobres” e privadas para os “ricos”; dentro da escola, há a divisão em “classes fracas” e “classes fortes” e, dentro da classe, a separação entre os que “aprendem” e os que “não aprendem”, entre os bonzinhos e os encapetados.

O aluno que não se enquadra e desrespeita as regras, não se insere na dinâmica da sociedade atual que a escola representa. É visto como Gregor Samsa: perde sua “humanidade”, é confinado a um lugar demarcado, isolado, colocado à margem, expulso do jogo. A afirmação dos direitos sociais só diz respeito aos que acatam as regras, entendendo-se

que deficientes e pobres, de modo geral, não são sujeitos inteiros, independentemente de seus atributos.

A escola é uma configuração voltada a ensinar, a fazer com que todos os alunos aprendam determinados conteúdos, e a promover sua socialização com vistas ao ingresso na sociedade mais ampla⁵. O professor não só deve seguir as normas, tem que ensinar a obedecer normas que regem configurações. A grande aprendizagem que ocorre na escola é o seguir regras. Professores, em geral, ficam incomodados com alunos com dificuldades de aprender; ficam mais incomodados com alunos indisciplinados; porém o maior incômodo é provocado pelo aluno indisciplinado e que não aprende. No jogo da configuração escolar, esses comportamentos provocam ruptura na teia de papéis. Frente ao comportamento desses alunos, os professores se veem impedidos de desenvolver seu próprio papel: o de ensinar e socializar. Então, alunos assim são colocados à margem, apartados da convivência com os demais. Servem como anti-modelos, mostram aos demais o que acontece com comportamentos desviantes. As diferenças são vistas como inerentes ao sujeito e não como produzidas socialmente, envolvendo relações de poder.

7 Resultados

Por se tratar de um ensaio, este texto não tem exatamente resultados a apresentar. No entanto, cabem algumas considerações, que apresentamos a seguir.

A reação dos membros da escola ao aluno desviante é semelhante à reação da família de Gregor Samsa diante do inseto em que ele se transformou. Em um primeiro momento, o aluno que foge às regras e recusa a normalidade provoca espanto e insegurança quanto ao que fazer com ele. No segundo momento, a escola se conforma com o desconforto de sua presença, mas o isola em espaços demarcados. No terceiro momento, a escola é dominada

⁵ A esse respeito, consulte-se Odom, Dklyen e Jenkins (1984) e Klinger e Vaughn (1999). Samuel Odom, Michell Dklyen e Joseph Jenkins estudaram os efeitos da inserção de alunos sem deficiência em classes de pré-escola formadas por crianças com deficiência, concluindo que o ambiente assim constituído, por tornar-se mais complexo, estimula as interações, influencia o desenvolvimento cognitivo e a socialização das crianças. O potencial de efeitos negativos de imitação pela criança sem deficiência, dos comportamentos singulares das crianças com deficiência não se realiza. (Integrated Handicapped and Nonhandicapped Preschoolers: developmental impact on nohandicapped children. *Exceptional Children*. 1984, v.51, n.1, p.41-48) Janett Klinger e Sharon Vaughn analisaram a percepção de estudantes de classes integradas (crianças com e sem deficiência) sobre os processos de ensino e aprendizagem, concluindo que os alunos não percebem as adaptações instrucionais para responder às necessidades especiais, como algo problemático. Students Perceptions of Instructions Inclusion Classroom: Implications for students with learning disabilities. *Exceptional Children*. 1999, v.66, nº1, p.23-37).

pela irritação e pelo rancor (principalmente quando o aluno alia não-aprendizagem e não-disciplina) e considera o desviante um fardo difícil de carregar. Por fim, o alívio, quando consegue livrar-se desse aluno, que acaba por abandonar o ambiente escolar. Pronto! O desviante é finalmente eliminado. A escola pode voltar à regrada vida normal.

Conclusão

A Metamorse é uma obra literária envolvente, uma metáfora admirável que denuncia a fragilidade da condição humana e os dramas da sociedade. A alusão à sociedade capitalista nos leva a questionar os interesses que pautam a convivência humana. O conto é forma cruel de retratar a frieza do ser humano diante de situações de conflito.

Todos aqueles que se adaptam, renunciam à própria autonomia. A renúncia do adaptado, e o professor pode ser caracterizado como tal, é internalizada, retornando sob a forma de agressão e discriminação àqueles que demonstram algum tipo de resistência. É o que acontece com o aluno com dificuldade de aprendizagem associada ao mau comportamento. Recusando-se à adaptação, às regras do jogo da configuração-escola, ele é rejeitado, apartado e, finalmente, excluído, pois impede duplamente o professor no exercício de seu papel: ensinar e adaptar. Todo esse processo é irrefletido, não passa pela consciência. A estereotipia substitui o pensamento e a reflexão no mundo de produção em série.

Por fim, não é possível pensar na escola como uma configuração social sem considerar os indivíduos que compõem a rede das relações humanas ali vivida. E não dá para considerar cada professor ou cada aluno em particular, sem considerar a organização na sua totalidade. Como afirma Elias: "E é dessa maneira que a sociedade humana avança como um todo; é dessa maneira que toda a história da humanidade perfaz seu trajeto: De planos emergindo, mas não planejada, Movida por propósitos, mas sem finalidade (Elias, 1994, p. 59)".

Referências

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CROCHIK, Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Robe, 1995.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- _____. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. **O processo civilizador, v.2**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2000.

KLINGER, Janett e VAUGHN, Sharon. 1999. Students Perceptions of Instructions Inclusion Classroom: Implications for students with learning disabilities. **Exceptional Children**. Vol.66, nº1, p.23-37.

MOSER, Magali. Crítica sociológica a partir do livro A Metamorfose, de Franz Kafka. **Sarau Eletrônico**. Universidade Regional de Blumenau (FURB). Disponível em <http://bu.furb.br/sarauEletronico/index.php?option=com_content&task=view&id=137&Itemid=34>. Acesso em 15 abr. 2015.

ODOM, Samuel; DEKLYEN, Michell; JENKINS, Joseph. 1984. Integrated Handicapped and Nonhandicapped Preschoolers: developmental impact on nonhandicapped children. **Exceptional Children**. Vol.51, nº1, pp.41-48.